

A matança dos inocentes foi um acontecimento histórico?

Martírio dos Inocentes - ¹⁶Então Herodes, ao ver que tinha sido enganado pelos magos, ficou muito irado e mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o seu território, da idade de dois anos para baixo, conforme o tempo que, diligentemente, tinha inquirido dos magos. ¹⁷Cumpriu-se, então, o que o profeta Jeremias dissera: ¹⁸Ouviu-se uma voz em Ramá, uma lamentação e um grande pranto: É Raquel que chora os seus filhos e não quer ser consolada, porque já não existem. (Mt 2, 16-18)

Tal como o episódio da estrela dos Magos, a matança dos inocentes também é narrada no evangelho da infância de Jesus de São Mateus. Os Magos tinham perguntado pelo rei dos Judeus, Herodes: «*Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?*» (Mt 2,1).

Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele. E, reunindo todos os sumos sacerdotes e escribas do povo, perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: «Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta. (Mt 2,3-5)

Herodes, então, inventa um estratagema para averiguar quem poderia ser aquele possível usurpador, pedindo aos Magos que o informem ao regressarem da sua visita. Quando vem a saber que eles tinham regressado por outro caminho, «*ficou muito irado e mandou matar todos os meninos de Belém e todo o seu território, da idade de dois anos para baixo, conforme o tempo que, diligentemente, tinha inquirido dos Magos*» (Mt 2,16).

São Mateus é o evangelista do cumprimento das Escrituras, por isso, temos de encontrar a resposta noutros outros episódios parecidos do Antigo Testamento. No Livro do Êxodo, o Faraó tinha mandado matar todos os recém-nascidos dos Hebreus, mas dessa matança foi salvo Moisés, precisamente aquele que mais tarde libertaria o seu povo (Ex 1,8-2,10).

São Mateus diz, precisamente, que com o martírio destas crianças se cumpria um oráculo de Jeremias (Jr 31,15): «*Assim fala o Senhor: «Ouvem-se, em Ramá, lamentações e amargos gemidos. É Raquel que chora, inconsolável, os seus filhos que já não existem*». Texto que se refere ao desterro do povo de Israel a Babilónia.

Mas, o Senhor promete um novo êxodo: reconduzirá o seu povo à sua terra e promete-lhe uma nova aliança (Jr 31,31). A matança dos inocentes representa a tentativa humana de bloquear os projetos de Deus. Assim, o sentido da passagem de Mateus é claro: por muito que se empenhem os fortes da terra, eles não podem opor-se aos planos de Deus para salvar os homens.

É neste contexto que se deve examinar a historicidade do martírio dos inocentes, do qual só temos esta notícia dada por São Mateus. Na lógica da

investigação histórica moderna, diz-se que *testis unus testis nullus*, um só testemunho não é válido.

No entanto, é fácil pensar que a matança dos bebês de Belém, povoação de poucos habitantes, mesmo que tivesse acontecido, não terá sido muito numerosa, não tendo por isso passado aos anais da história.

A crueldade de Herodes tornou-se proverbial até em Roma. Nos últimos anos da sua vida, conforme aos relatos de Flávio Josefo, mandou asfixiar o seu cunhado Aristóbulo quando este alcançou grande popularidade (Antiguidades Judaicas, 15, 54-56), assassinou o seu sogro, Hircano II (15, 174-178), um outro cunhado, Costobar (15, 247-251), e a sua mulher Marianne (15, 222-239); os seus filhos Alexandre e Aristóbulo (16,130-135), e cinco dias antes da sua própria morte, um outro filho, Anipatro (17,145); finalmente ordenou que, por ocasião da sua morte, que fossem executados alguns notáveis do reino, para que o povo da Judeia tivesse de chorar a morte de Herodes, mesmo contra a sua vontade. A matança dos inocentes não mirava tanto em eliminar o futuro pretendente ao trono, mas sim a evitar possíveis discórdias na Judeia. As medidas tomadas pelo «rei dos judeus que acaba de nascer» devem ser consideradas reais.

Contudo, o relato, contém também um significado teológico e apologético que ocupam o primeiro plano na intenção do Evangelista Mateus. O texto reflete a situação em que vivia a Igreja primitiva. Uma das acusações contra os cristãos da parte dos judeus era que Jesus tivesse praticado a magia, que tinha aprendido durante a sua permanência no Egito. Neste sentido, o relato demonstra que Jesus foi ao Egito, mas quando era recém-nascido, portanto, tal acusação não tinha algum valor.

Outra acusação que era feita aos cristãos era que as histórias referidas a Jesus eram legendárias. Mateus responde afirmando que a história de Jesus não é comparável com a dos heróis pagãos, mas a Moisés, o fundador do povo de Israel. Como o faraó tentou matar Moisés, assim Herodes tentou matar Jesus, o Novo Moisés.

Jesus é o Novo Moisés e é suporta o mesmo destino: é perseguido e deve fugir (Ex 4,19). Além disso, com o regresso de Jesus na Palestina cumpre-se a Escritura: «do Egito chamei o meu filho» (Oseias 11,1). Este texto referia-se à saída do povo de Israel do Egito: «Israel é o meu filho primogénito» (Ex 4,22); Mateus aplica-o a Jesus porque, segundo a crença do judaísmo, o tempo do Messias, deveria atualizar o tempo de Moisés. Desta forma, Mateus afirma que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, por excelência.

«Morto Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egito, e disse-lhe: «Levanta-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel,

porque morreram os que atentavam contra a vida do menino» (Mt 2, 19-20).

A intervenção divina ordena a José de estabelecer-se em Nazaré. O evangelista acrescenta uma nota: «*assim se cumpriu o que foi anunciado pelos profetas: Ele será chamado Nazareno*» (Mt 2, 14). Jesus o Nazareno, assim de facto foi chamado. Também os cristãos foram chamados com o mesmo nome: os nazarenos (Atos 24,5). Porém no Antigo Testamento não existe nenhuma profecia que identifique o Messias como Nazareno. É provável que Mateus tenha interpretado a palavra “rebento” de Isaias 11,1 - «*Brotará um rebento do tronco de Jessé*» - como sendo um texto messinico. De facto, o Servo de Deus «cresceu como um *rebento* diante d’Ele». Seria este mais um argumento a favor da messianicidade de Jesus.

Chama a atenção a frase «*para que se cumprisse o que foi dito*» repetida muitas vezes neste capítulo. Desta forma, Mateus quer afirmar que, em Jesus se realizam todas as esperanças messianicas: Jesus é o Novo Moisés, o libertador, o fundador do novo povo de Deus. O Messias escondido e perseguido que cumpre todas as promessas de Deus.

Cf. Juan Chapa, *50 perguntas sobre Jesus*, artigo 9, *O que foi a matança dos inocentes? É um acontecimento histórico?* ed. Paulinas 2008, pp. 31-32

Cf. *Commento della Bibbia Liturgica, Fuga in Egitto e ritorno a Nazaret*, Ed. Paoline 1986, pp. 861-862